

A inserção histórica da mulher no esporte

The Historical Insertion of the Women in the Sport

Oliveira G, Cherem EHL, Tubino MJG. A inserção histórica da mulher no esporte. *R. bras. Ci e Mov.* 2008; 16(2): 117-125.

RESUMO: A prática de atividades físicas e de esportes em geral sempre foi contemplada pelos humanos de ambos os sexos. No entanto, em dado período da história, há um afastamento das mulheres da prática esportiva e da prática de atividades físicas em geral, sob inúmeros discursos, dentre eles destacando-se como na Grécia Antiga, o fato torná-las masculinizadas, ou ainda, com a alegação de que elas não teriam condições físicas/fisiológicas para tal. Com este cenário, eram poucas e raras as aparições das mulheres nas competições, ou nos ambientes da prática de atividades físicas, o que perdurou até o final do século XIX e início do século XX. Algumas mulheres foram fundamentais para a inclusão feminina nas competições esportivas e, em especial, nas olimpíadas. Uma das figuras mais importantes para a inclusão das mulheres nas olimpíadas foi a francesa Alice Melliát, que através da Federação Esportiva Feminina Internacional, reivindicou, junto ao Comitê Olímpico Internacional, principalmente, a entrada efetiva das mulheres nas competições de atletismo e de outras modalidades nos Jogos Olímpicos. O processo de exclusão das mulheres na prática esportiva e de atividades físicas no Brasil seguiu o mesmo padrão internacional, inclusive com os mesmos discursos e teve em Maria Lenk um ícone na representação feminina nos esporte e nas atividades físicas.

PALAVRAS-CHAVE: Inserção; Mulher; Esporte; Jogos Olímpicos.

Oliveira G, Cherem EHL, Tubino MJG. The Historical Insertion of the Women in the Sport. *R. bras. Ci e Mov.* 2008; 16(2): 117-125.

ABSTRACT: The practice of physical activities and sports in general was always contemplated by humans of both sex, however, there is a certain period in history that women have been distanced from sport and even from the practice of physical activities, under innumerable speeches, we can emphasize, the Ancient Greek, or under the allegation that it would turn them masculine, or even, that they wouldn't have enough physical/physiological conditions to do so. Within this background, it was few and rare the appearance of women in the competitions, or in areas of physical activities practice, which lasted until the end of XIX century and the beginning of XX century. Some women were essential for female inclusion in the sport competitions and specially in the Olympics. One of the most important of them was the French Alice Melliát who, through the International Feminine Sportive Federation and together with the International Olympic Committee claimed, mainly, the effective women inclusion in athletic competition and in others Olympic Games modalities. The course of women exclusion in Brazil had the same way as the international one, including the same speeches, and found in Maria Lenk a great symbol of female representation in sports and physical activities.

KEYWORDS: Insert; Woman; Sport; Olympic Games.

Gilberto Oliveira¹
Eduardo H.L. Cherem²
Manoel J.G. Tubino¹

¹ Universidade Castelo Branco - UCB, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência da Motricidade Humana - LABESPORTE - Laboratório de Estudos do Esporte - Salvador Allende, 6.700, Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro.

² Universidade Estácio de Sá - UNESA - Coordenação de Educação Física - Rua do Bispo, nº 146 - Rio Comprido- Rio de Janeiro - RJ.

Recebimento: 07/07/2008
Aceite: 04/11/2008

Correspondência: Gilberto Oliveira, Praia de Botafogo, Nº 422 - Aptº 905 - Botafogo - CEP: 22250-040 - Rio de Janeiro-RJ.
e-mail: gilbertosoliveira@uol.com.br

Introdução

Com a ocasião dos Jogos Pan-Americanos ocorridos em meados de 2007, no Rio de Janeiro era esperada a discussão de uma série de eventos como legado social e temas específicos do esporte.

O grande êxito do Brasil em uma série de modalidades onde não temos tradição mundial, abriu um precedente histórico para a discussão da inclusão pelo e para o esporte pelas mulheres.

O fato das Brasileiras terem conquistado o título de Campeãs Pan-Americanas de futebol sobre a equipe norte americana, também abre a necessidade da discussão a respeito do panorama nacional para a prática profissional do futebol feminino, já que a medalha de ouro foi conquistada com pouco incentivo para este esporte no Brasil.

Entretanto, não é só no futebol que a mulher lutou para conquistar seu espaço. Observa-se ao longo da história que a inserção da mulher no esporte tem acontecido de forma irregular, as conquistas foram conseguidas de modalidade em modalidade e sempre com muitas dificuldades.

Portanto, o objetivo do presente trabalho foi o de delimitar, através de uma revisão bibliográfica, o fenômeno da inserção das mulheres no esporte.

Da era primitiva ao fim da Idade Média

Para avaliar a participação da mulher no esporte é necessário resgatar-se o contexto histórico onde esse fato se iniciou, não podendo imaginar a origem do esporte sem a participação feminina, já que nos tempos primitivos o esporte ao confundir-se com os rituais religiosos e de caça já envolvia a participação da mulher ao ajudar a combater uma presa para o abate.²⁷

A atividade das mulheres nos tempos primitivos, se por um lado garantia a sua participação na caça, gerava proibições e recolhimento, fato este que se manteve até o período da Grécia Antiga (de estrutura social patriarcal).²⁷

Na Grécia Antiga (776 a.C. a 393 d.C.), iniciaram-se as Panatéias (primeiros jogos olímpicos), considerado evento esportivo mais importante do planeta era tido como

festa religiosa, onde competidores se reuniam a cada quatro anos, em comemorações aos Deuses marcadas por jogos e lutas¹⁰, onde a participação da mulher era proibida, até como espectadora.^{1,14,16}

O motivo alegado era que mulheres poderiam ter danos fisiológicos, já que o acesso ao Stadium, local das provas, era muito íngreme.²¹

Entretanto, a participação da mulher nos jogos não era permitida em função de uma outra questão. Este fato ocorria em função da cidadania para os gregos estar ligada a função de guerrear, atividade vedada as mulheres, gerando com isso praticamente a exclusão feminina da vida pública, cabendo a elas somente o papel de ser mãe de cidadãos.²⁷

Na Grécia a lei de participação da mulher em esportes eram tão rígidas, que no regulamento dos jogos, artigo 5º, dizia que as mulheres casadas não podiam assistir as competições, com sanção de morte.²⁸

Entretanto, Caripátida desobedeceu esta lei ao assistir a participação de seu filho, Psidoro, no pugilato, disfarçou-se de treinador ao colocar uma túnica e ingressou no local dos jogos. Psidoro venceu a competição e Calipátira acabou invadindo a arena para abraçar seu filho, quando foi descoberta^{5,24,21,28}. Mas acabou não sendo punida por ser de família influente de esportistas campeões olímpicos.^{5,21}

A partir deste fato os treinadores passaram a ser proibidos de usar túnicas em competições.²⁴

Após conquistar a Grécia, no período de domínio Romano, o imperador Teodósio, proibiu as práticas esportivas por considerá-las festas pagãs. Nesta fase as mulheres participavam como dançarinas ou acrobatas para divertimento de convidados, não tendo nenhum aspecto de caráter esportivo.²⁴

Durante a Idade Média, as mulheres participavam das mesmas atividades esportivas que os homens, envolvendo-se em jogos populares como os jogos com bola.^{27,28}

No entanto, no século XVII, houve uma profunda mudança, onde a mulher perde seus direitos, sendo subjugada pelo marido ou, quando solteira, pelo parente homem mais próximo. O que acabou por excluir a mulher das atividades esportivas. Somente no século XVIII e início do XIX a mulher

começa a retomar o acesso aos esportes, quando cavalheiros ingleses passam a levar suas esposas a assistir alguns eventos como, boxe, remo e corridas de cavalo. É época que as mulheres iniciam a participação em eventos tipicamente masculinos, como boliche, cricket, bilhar, arco e flexa e alguns esportes praticados na neve.²⁷

A mulher e os jogos olímpicos da era moderna

Os jogos olímpicos foram restabelecidos em 1896 na Grécia, por Pierre de Frey, o Barão de Coubertin.²³ Mas para conquistar o espaço olímpico, as mulheres passaram por várias batalhas, forçando a sua entrada de modalidade em modalidade.¹⁴

Na primeira edição dos jogos modernos não houve a participação feminina devido alguns de seus idealizadores, serem defensores da não inclusão da mulher por achar que estas poderiam vulgarizar um ambiente cheio de honras e conquistas.¹²

Coubertin considerava os jogos local apropriado para representar a figura competitiva do homem, por relacioná-lo com as questões do uso da força, virilidade, coragem, moralidade e masculinidade²⁷, cabendo as mulheres somente coroar os vencedores não maculando os jogos com seu suor.²²

Porém, cabe uma reflexão, sobre as análises descontextualizadas sobre exclusão da mulher nos jogos por Coubertin.²⁵ Observa-se que este tema foi deturpado ao logo da história pelo desconhecimento de sua obra, inclusive com divulgação de temas polêmicos, nos quais citações usadas pelo Barão foram utilizadas fora do seu contexto histórico e cultural, contribuindo para uma dedução maliciosa, tornando-o um adversário do esporte feminino.^{8,25}

Ao se verificar as ideias de Coubertin, fica claro que o Barão reconhecia o direito das mulheres a uma educação esportiva, inclusive competindo entre elas, porém fora da vista do público masculino, mais por razões de raízes antropológicas e culturais do que fisiológicas.^{8,9,25} Sua idéia era, apenas reproduzir fielmente a estrutura Grega em seus valores e costumes na sociedade antiga, buscando que os jogos olímpicos fossem idênticos as competições gregas da

antiguidade, participando, as mulheres, apenas como expectadoras nos primeiros jogos olímpicos da era moderna.^{5,10,27}

Apesar de sua não aceitação nos primeiros jogos, Stamati Revithi (mulher grega de origem pobre), posteriormente chamada de Melpomene, fez o percurso da maratona de maneira extra-oficial, no dia seguinte, percorrendo a última volta por fora do estádio, já que a entrada não lhe foi permitida.²⁰

Stamati fez o percurso em quatro horas e meia, mais rápido que alguns homens. Por não lembrar seu nome, os organizadores apelidaram-na de Melpomene, Deusa grega da tragédia, lembrando apenas do drama e não o feito extraordinário de sua atitude, que não teve reconhecimento internacional, mas provocou início para o ingresso gradual das mulheres nos jogos, por meio de lutas contra os valores da época, sendo a primeira mulher a enfrentar os obstáculos esportivos era moderna.^{8,17,20}

Em Paris (1900) lacunas na organização e a falta de coesão do COI, no controle do programa dos jogos, permitiu que alguns temas fossem destinados as mulheres, culminando com a inclusão do golfe e tênis femininos, onde não havia contato físico e eram consideradas esteticamente belos.^{8,27}

Entretanto, há controvérsias em relação a quantidade de competidoras entre 16, ou 17 mulheres, sendo 07 no tênis e 10 no golfe, além de provas mistas de vela, sem, no entanto, quantificar o número de participantes nesta modalidade.^{18,22} Outros autores relatam a participação de 19 mulheres, incluindo as competições de golfe e de tênis e de 22 mulheres sem especificar em quais modalidades foram as participações.^{2,7,10}

Em importante fato histórico, a primeira campeã Olímpica, a Charlotte Cooper (britânica) acaba por não receber medalha em função do título no tênis¹⁰ que não era contemplado com premiação. Ainda em Paris, participando de equipe de vela, houve a conquista da medalha de ouro feminina.²²

Em Saint Louis (1904), a participação feminina foi 06 atletas em competições de arco e flexa, por falta de patrocínio a outras modalidades.²⁰

As atletas eram todas americanas, apesar do Comitê Olímpico Americano (COA) ser um ferrenho opositor das mulheres nos jogos, mas sua participação foi permitida dado o caráter de apresentação simbólica²², pois não era da cultura ocidental a participação esportiva feminina.

Nos jogos olímpicos de Londres (1908), Inglaterra, berço do esporte moderno, as mulheres conseguiram uma leve ascensão, com 37 atletas (um indício de crescimento) participando no tênis, patinação no gelo e arco e flexa. Além dessas, foi permitido que duas mulheres participassem das provas de vela e barco a motor, com os seus respectivos maridos.^{7,22}

Para os Jogos Olímpicos de Estocolmo, os próprios homens suecos incluíram provas de natação feminina, iniciando a primeira batalha de metros por segundo pelas mulheres. Talvez, devido ao apelo popular da natação 11 delegações de países diferentes tenham figurado em Estocolmo.²²

A inclusão da natação tornou a Federação Internacional de Natação Amadora (FINA, fundada em 1908) a primeira entidade a promover a participação feminina e a contribuir para outras representações internacionais.⁸

A participação feminina aumentou para 48 nos jogos de 1912 (Estocolmo), com os demais esportes femininos à margem da oficialização.^{7,22}

Cabe registrar ausência das americanas (na natação) em função do COA não permitir que elas participassem de modalidades que não usassem saias longas em Estocolmo. Logo nenhuma nadadora obteve o consentimento para aos jogos. Em protesto as tenistas não participaram do evento.⁸

Em 1916, não se disputou as olimpíadas, devido a primeira guerra mundial.¹⁰ Mas em 1917, face a obstáculos para que o COI inclui-se as mulheres nas olimpíadas, especialmente no atletismo, a francesa Alice Melliat, desafiou esta situação e fundou a *Fédération Sportive Féminine Internationale* (Federação Esportiva Feminina Internacional – FEFI).²⁰

Melliat se destacou no movimento esportivo feminino no início do século XX. Amante do esporte, praticou remo e tornou-se a primeira mulher a receber o diploma de remadora de longa distância, em 1912, no

clube parisiense *Feminina Sport* e teve seu primeiro cargo administrativo no esporte, em 1915 torna-se depois presidente do clube, quando já se organizavam competições de atletismo e proliferavam clubes esportivos na França.⁸

A FEFI foi fundada pela recusa da Federação Internacional de Atletismo Amador (FIAA) em representar e apoiar o atletismo feminino. Com isso a FEFI destacava-se em acompanhar, confirmar e supervisionar os recordes, estabelecer regras e promover os esportes femininos em geral.²²

Criada para promover a inclusão feminina no esporte e, principalmente, na olimpíada, a FEFI trava varias batalhas com o COI e FIAA, que acaba por intervir ao COI, em favor da FEFI, especialmente em seus congressos de 1924 e 1926 com gradativa inclusão feminina, até o COI integrar a mulher as Olimpíadas, causando a dissolução da FEFI em 1936, já que o objetivo de Melliat estava cumprido.^{8,14,20,22}

Dentre as ações da FEFI para pressionar o COI e FIAA destacaram-se os Jogos Mundiais Femininos, ainda disputados em 1922 e 1923 em Monte Carlo, com a participação de 300 mulheres na primeira edição, 700 na segunda e com um público ainda maior na terceira²². Outra grande contribuição às mulheres e ao esporte mundial, ocorreu em Paris, 1922, com os primeiros Jogos Olímpicos Femininos, com quatro edições (quadrienais) e com participação de vários países e milhares de atletas e espectadores.^{8,14,20}

Em 1920 (Antuérpia), 63 mulheres participaram dos jogos nas competições de arco e flecha, natação, patinação artística, saltos ornamentais e tênis. Suzanne Lenglen (França), treinada por seu pai, destacou-se ao inovar a moda esportiva, com saias mais curtas, blusas sem manga e sem meias. Suzanne foi 06 vezes campeã de Wimbledon, porém as americanas não a reconheciam como numero um do esporte, até o confronto direto com Helem Wills (americana campeã dos jogos de 1924) vencido por Suzanne.^{7,8,18}

Em 1924, olimpíada de Paris houve a participação de 135 mulheres, nas modalidades de natação, saltos ornamentais, tênis e esgrima.^{7,18}

Em Amsterdã (1928), com a participação de 277 mulheres, houve o acréscimo das modalidades ginástica e atletismo, incluído pela 1ª vez nos jogos (com caráter de exibição, restringido a 05 provas).^{7,18,22}

O rendimento feminino na prova de 800m rasos provocou argumentação de que as mulheres não teriam capacidade física para provas de resistência, uma vez que elas teriam chegado ao fim da corrida extremamente ofegantes, apesar dos argumentos dos técnicos de que as mulheres não tinham se preparado adequadamente para aquela prova.²⁷ A discussão incluiu vários testemunhos deturpados, que tinha o objetivo de excluir as mulheres do esporte, tendo como fundo um profundo sentimento machista.¹⁸

Com a crise econômica mundial, nos jogos de 1932 (Los Angeles), houve uma ligeira redução no número de mulheres, tendo elas participado de 06 provas de atletismo (sem a prova dos 800m), esgrima, natação e saltos ornamentais. Nesta ocasião a discussão sobre a presença das mulheres nas olimpíadas ainda configuraram, de forma intensa, os bastidores do evento.^{8,18}

A partir de 1936, jogos de Berlim, fica evidente o crescente número de mulheres nas olimpíadas, saindo de uma soma inferior a 10% do total de atletas, naquela ocasião, para cerca de 41% do total de atletas nas últimas olimpíadas em 2004 (Atenas) (ver tabela1).

Tabela 1 Evolução da Participação Feminina Nos Jogos Olímpicos

Ano	Local	Geral		Brasil	
		Participantes	Mulheres	Participantes	Mulheres
1896	Atenas	241	00	-	-
1900	Paris	997	22	-	-
1904	Saint Louis	651	06	-	-
1908	Londres	2008	37	-	-
1912	Estocolmo	2407	48	-	-
1920	Antuérpia	2626	65	29	0
1924	Paris	3089	135	11	0
1928	Amsterdã	2883	277	não participou	-
1932	Los Angeles	1332	126	85	01
1936	Berlim	3963	331	95	06
1948	Londres	4104	390	79	11
1952	Helsinque	4955	519	108	05
1956	Melbourne	3314	376	48	01
1960	Roma	5338	611	82	01
1964	Tóquio	5151	678	70	01
1968	México	5516	781	83	03
1972	Munique	7134	1059	89	05
1976	Montreal	6084	1260	93	07
1980	Moscou	5179	1115	109	15
1984	Los Angeles	6829	1566	151	22
1988	Seul	8391	2194	174	35
1992	Barcelona	9356	2704	178	51
1996	Atlanta	10318	3512	225	66
2000	Sydney	10651	4069	206	94
2004	Atenas	10625	4329	247	122

Fontes: Comitê Olímpico Internacional, 2006⁷ e Comitê Olímpico Brasileiro, 2006⁶

A participação da mulher brasileira nos esportes e nos Jogos Olímpicos

Na trajetória brasileira, observa-se que na primeira metade do século XX o país não contava com um número significativo de mulheres praticantes de atividades físicas e esportivas de qualquer natureza.¹⁹

Sua participação nos esportes e atividades físicas começa nos clubes na década de 20 através das jovens, normalmente filhas de imigrantes europeus que já apreciavam o

valor do exercício e lhe davam incentivo para sua inserção no esporte. Pois o cenário sociocultural que o Brasil apresentava na época ainda era desfavorável para as mulheres.¹⁹

O aumento histórico da participação das mulheres brasileiras em olimpíadas pode ser conferido na tabela 1, enquanto a participação do esporte feminino nas olimpíadas e as principais colocações estão expostas na tabela 2.

Tabela 2 Equipes Destaques e Principais Colocações das Delegações Femininas do Brasil em Olimpíadas

Ano	Local	Equipes Destaques	Principais Colocações
1932	Los Angeles	Natação [†]	---
1936	Berlim	Natação e Esgrima	---
1948	Londres	Natação e Esgrima	---
1952	Helsinque	Atletismo e Natação	---
1956	Melbourne	Saltos Ornamentais em plataforma	---
1960	Roma	Atletismo	---
1964	Tóquio	Atletismo	4º Lugar.
1980	Moscou	Vôlei* Atletismo Ginástica Artística Tiro com Arco	---
1984	Los Angeles	---	---
1988	Seul	Judô	---
1992	Barcelona	Basquete**	---
1996	Atlanta	Vôlei de Praia**	Ouro e Prata no Vôlei de Praia; Prata no Basquete [#] ; Bronze no Vôlei ^{##} .
2000	Sydney	Homenagem aos 100 de participação feminina nas Olimpíadas [†]	Bronze pra Basquete e Vôlei; Prata pro Vôlei de Praia.
2004	Atenas	Maior Participação Feminina ^{††}	Prata pro Vôlei de Praia e Futebol; 5º,12º, 16º lugares para Ginástica Artística; Taekwondo com a 4ª posição.

[†]Destaque para Maria Lenk, primeira mulher a representar o Brasil e a América do Sul com 17 anos;

*Primeira participação e como convidado; **Primeira participação; #Equipe campeã do mundial da categoria 2 anos antes; ##Equipe campeã do mundial da categoria no ano anterior; †Sandra Pires (medalha de ouro na olimpíada anterior) leva a bandeira brasileira durante a cerimônia de abertura;

††Com 122 mulheres e 125 homens.^{2,7,10,18,30}

Ainda sim, cabe uma exposição mais objetiva de alguns fatos de extrema importância para o esporte feminino brasileiro e sua representatividade nas olimpíadas.

É o caso de Maria Lenk (filha de alemães), começou sua prática esportiva por motivos de saúde, treinada pelo pai nas águas tranquilas e ainda limpas do rio Tietê, onde existia a sede do Clube Espéria, abre as portas da natação competitiva feminina ao conquistar o título da prova Rio de Janeiro – São Paulo em 1931. E, apesar de todo ambiente machista da época, sagra-se como marco da participação feminina brasileira no esporte e nas olimpíadas, sendo a primeira mulher a representar o Brasil e a América do Sul nos Jogos Olímpicos de Los Angeles.^{9,11,26} Maria Lenk ainda entrou para história com mais um feito, ao nadar pela primeira vez o estilo borboleta, inovando e aperfeiçoando a técnica do nado de peito.¹⁰

A década de 1930 ainda é marcada pelo primeiro campeonato feminino de bola ao cesto (São Paulo), com as mesmas regras dos homens e duração de quatro períodos de dez minutos, vencido pelo *City Bank Club*, demonstrando a crescente participação feminina nos esportes.¹²

Esses eventos (década de 1930) marcam o início do movimento de esportivização feminina nos grandes centros urbanos do Brasil²². Com os Jogos Femininos do Estado de São Paulo (1935), há uma abertura para a realização de várias práticas esportivas pelas mulheres¹², e reforçaram a ampliação da participação feminina em vários segmentos sociais e, mesmo nos esportes, porém essa inserção no pensamento social não evoluiu sem a presença de reações conflituosas.¹³

O Decreto Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, é a primeira legislação esportiva no país que organiza o esporte nacional, proporciona sua burocratização ou cartorialização e no seu artigo 20 cria o Conselho Nacional de Desportos – CND.²⁹ Este decreto restringe (artigo 54) a prática esportiva feminina, de acordo com a sua (pretensa) incompatibilidade.⁴

Este decreto incorpora as representações sociais e práticas voltadas para as formas feminis e maternidade da mulher.¹⁸ Vigorando até 1975, sendo que em 1965 através da Deliberação nº 7/65 o CND normatiza as entidades esportivas, liberando

a prática de esportes femininos, a exceção das lutas, futebol de campo, salão e praia, pólo, rugby, halterofilismo e baseball.⁴

Em 1949, no Rio de Janeiro, aproveitando a emancipação feminina no Brasil, Mario Filho cria os Jogos da Primavera, primeira olimpíada feminina no Brasil, que contou com a participação de vários clubes e instituições de ensino, consagrando a participação feminina no esporte e pelo esporte.¹⁸

Seu idealizador custeava sozinho a competição e, através de seu *Jornal dos Sports* dava visibilidade a beleza e plástica feminina nos esportes.¹⁹

Este evento associou a feminilidade ao esporte evidenciando a beleza, leveza e graciosidade feminina, conquistando as jovens desde o final dos anos 40 até os anos 70, e representando abertura para uma maior participação feminina através de suas expressões corporais no movimento esportivo em diferentes modalidades, provocando modificações no rumo dos movimentos da condição esportiva feminina, junto ao forte apoio da opinião pública.¹⁸

Aproveitando o cenário de engajamento da mulher no esporte, em 1954, Túlio de Rose, em Porto Alegre, cria os Jogos Abertos Femininos, disputados até meados de 1960. Em 1958 as provas duraram meses e grande parte da cidade presenciou o evento com a participação de 30.000 pessoas.¹³

No final dos anos 1950 e início de 1960, desponta outro ícone do esporte feminino brasileiro. Maria Esther Bueno (tenista) conquista o espaço esportivo internacional ao vencer o campeonato de Wimbledon em 1959, 1960 e 1965 na disputa individual e nas duplas em 1958, 1960, 1963, 1965 e 1966.¹³

Nas olimpíadas de 1964 (Tóquio) Aída dos Santos, outro importante ícone na evolução feminina nos esportes, obteve a melhor participação brasileira em olimpíadas, viajou sem treinador e foi praticamente abandonada pelos dirigentes no dia de sua prova, como em depoimento da própria, onde aponta todas as suas dificuldades, desde a não concessão de técnico pelo COB, até a falta de material e médicos.^{10,18} Ainda sim, obteve o quarto lugar.

Nos Jogos Olímpicos de 1968 (México), participaram 03 atletas no atletismo, com

destaque, outra vez, para Aída dos Santos com recorde Sul-americano (pentatlo).³⁰ Nestes jogos as mulheres tiveram que se submeter a teste de feminilidade pela primeira vez, nenhuma foi reprovada.²

Em 1979, Joaquim Mamede, presidente da Confederação Brasileira de Judô, aproveitou a ocasião da CPI da mulher (1977) com relação às desigualdades no quadro esportivo e inscreve mulheres, utilizando seus sobrenomes, no Sul-americano de judô, na Argentina, o que era proibido pelo Decreto 7/65.¹⁰ Descoberto, mas com sucesso na competição, ao ser chamado para prestar esclarecimentos, levou as meninas de quimono com as suas medalhas no peito, fato este que futuramente contribuiu para a revogação desta proibição através da Deliberação nº 10 em 1979.⁴

Em Munique (1972) a participação feminina segue sua crescente evolução, até atingir quase 50% da delegação nos últimos jogos (tabela 1).

Conclusão

A presença da mulher nos esportes e olimpíadas nem sempre foi um fato tal como conhecemos hoje, marcante, determinante e dividindo espaço democraticamente com os homens.

O processo histórico de sua inserção olímpica foi marcado por muita luta, gerando grandes episódios de reivindicação por direitos iguais e elegendo, num processo natural, grandes líderes que entraram para história, não apenas das olimpíadas, mas da atividade física, dos esportes, da luta feminina e de toda a história dos séculos XIX e XX.

Este processo não foi tão intenso no Brasil, apesar disso, seguiu o padrão de preconceitos e conquistas que se observou no mundo, nos deixando, também, grandes ícones da luta feminina pelo esporte e pela vida.

Referências bibliográficas

- 1 Alonso LK. Mulher, corpo e mitos no esporte: In: Simões AC. (org.) – Mulher e Esporte – mitos e verdades. Barueri (SP): Manole; 2003. p.35-47.
- 2 Capitanio AM. Mulher e esporte: a análise da auto-percepção das desigualdades. Universidade de São Paulo – USP, 2005, Dissertação de Mestrado.
- 3 Carvalho AJ. A participação feminina nos jogos olímpicos. In: Da Costa LP, Turini Marcio. Coletânea de textos em estudos olímpicos. Rio de Janeiro (RJ): Gama Filho; 2002. v.1.
- 4 Castellani Filho L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Rio de Janeiro (RJ): Papirus; 2001.
- 5 Chiés PV. “Eis quem surge no estádio: É Atalante!” A história das mulheres nos jogos gregos. Revista Movimento. 2006; 3: 99-121.
- 6 Comitê Olímpico Brasileiro. Efetivo de atletas brasileiros nas olimpíadas. Estatística fornecida pela biblioteca do COB em 07 de março de 2008.
- 7 Comitê Olímpico Internacional. Répertoire du mouvement olympique, 2006.
- 8 Devide FP. História das mulheres nos jogos olímpicos modernos. In: Da Costa LP, Turini M. Coletânea de textos em estudos olímpicos. Rio de Janeiro (RJ): Gama Filho; 2002. v.1.
- 9 Giarola WA. Corpo mulher no esporte: a questão da prática do futebol. Universidade Metodista de Piracicaba, 2003, Dissertação de Mestrado.
- 10 Goellner SV. Mulher, olimpismo e desempenho. III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades. Universidade de São Paulo – USP, 2004.
- 11 Goellner SV. Mulheres e futebol: entra sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física. 2005; 2: 143-51.

- 12 Goellner SV. Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*. 2006; 1: 85-100.
- 13 Gomes PB. Mulheres e desporto: Qual a agenda pedagógica do século XXI?. III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades. Universidade de São Paulo – USP, 2004.
- 14 Loffredo M. Mulher, olimpismo e desempenho. III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades. Universidade de São Paulo – USP, 2004.
- 15 Miragaya A. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. In: Da Costa LP, Turini M. *Coletânea de textos em estudos olímpicos*. Rio de Janeiro (RJ): Gama Filho; 2002. v.1.
- 16 Mourão L. A representação social da mulher brasileira na atividade físico-esportiva da segregação a democratização. Universidade Gama Filho – UGF, 1998 – Tese de Doutorado.
- 17 Mourão L. Exclusão e inserção da mulher brasileira em atividades físicas e esportivas. In: *Mulher e Esporte – mitos e verdades*. SIMÕES AC (org). Barueri (SP): Manole; 2003.
- 18 Mourão L, Votre Sebastião. Esporte e inclusão social – mulheres. In: Da Costa LP. (Org.) *Atlas do esporte no Brasil. Atlas do esporte, educação física e atividades físicas e saúde e lazer no Brasil*. Rio de Janeiro (RJ): Shape; 2005.
- 19 Peres WP. Atividade olímpica, poder, comportamento, sexo, imagem corporal. III Fórum de debates sobre mulher & esporte – mitos e verdades. Universidade de São Paulo – USP, 2004.
- 20 Pfister G. As mulheres e os jogos olímpicos: 1900-97. In: Drinkwater Bárbara L. *Mulheres no esporte. Enciclopédia de Medicina do Esporte – Comissão Médica do Comitê Olímpico Internacional em colaboração com a Confederação Internacional de Medicina do Esporte, VIII volume*, Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2004.
- 21 Ramos JJ. *Os exercícios físicos na história e na arte – Do homem primitivo aos nossos dias*. São Paulo (SP): Ibrasa; 1983.
- 22 Reis LC, Leite A. *A mulher que joga futebol – um chute no preconceito*. Universidade Gama Filho – UFG, 1997 – Dissertação de Mestrado
- 23 Romariz SB, Deivid FP, Votre S. *Atleta substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos*. *Revista Movimento*. 2007; 1: 207-216.
- 24 Romero E. *Essas mulheres maravilhosas: nadadoras e ginastas*. In: *Mulher e Esporte – mitos e verdades*. Simões AC (org). Barueri (SP): Manole; 2003.
- 25 Rubio K, Simões AC. *De espectadoras a protagonistas – A conquista do espaço esportivo pelas mulheres*. *Revista Movimento*. 1999; 11.
- 26 Simões AC. *A mulher em busca de seus limites no esporte moderno*. In: *Mulheres & Esporte – Mitos e verdades*. Barueri (SP): Manole; 2003.
- 27 Tubino MJG. *500 anos de legislação esportiva brasileira: do Brasil colônia ao início do século XXI*. Rio de Janeiro (RJ): Shape; 2002.
- 28 Valporto O. *Atleta substantivo feminino: Vinte mulheres brasileiras nos jogos olímpicos*. Rio de Janeiro (RJ): Casa da Palavra; 2006.

